

SÓ O SANGUE VINGA O SANGUE: LAÇOS DE FAMÍLIA COMO JUSTIFICATIVA PARA A VIDA NO CANGAÇO

Cristiano Emerson de Carvalho Soares¹

Resumo: O presente artigo traça um panorama da realidade do sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX, no concernente aos fatores e possibilidades que justificaram, para muitos homens daquele tempo, uma trajetória marcada pelo banditismo, fugas e incertezas, vetores peculiares do cangaço. O objetivo a que se intenciona este trabalho é demonstrar casos de homens que entraram no cangaço por questões de vingança. Essa análise exige a compreensão dos elementos constitutivos do cotidiano, dos costumes e das práticas do homem sertanejo, à época.

Palavras-Chave: Sertão. Banditismo. Vingança.

Introdução

A sociedade em questão construiu a figura do homem do sertão como um ser que se concebeu dia após dia em um combate interminável pela sobrevivência, formou-se esperto, resignado, prático e, sobretudo um forte, apoiado em dois pilares essenciais, sua religiosidade fanática e principalmente a apego a sua família, fazendo das suas conquistas diárias um capital precioso para todo o clã.

Numa sociedade de parentes, como a do sertão nordestino, comumente se ouve falar que “Muitas vozes falam, mas a voz do sangue grita”, ou seja, existia um dever sagrado inerente aquele povo, o dever da proteção e da vingança, para que o nome e a honra da família não fossem arrastados na “lama social” e assim estigmatizados para sempre. Como se costuma entender (e no caso do sertanejo essa compreensão é fácil), a vingança tem significado de justiça, independentemente de estatutos ou constituições, essa realidade está cristalizada numa sociedade onde refregas (questões de família) foram uma das causas para o banditismo e a formação de grupos no cangaço.

O caso mais famoso é o do próprio Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), que ainda jovem passou a pertencer ao bando de cangaceiros de Sebastião Pereira da Silva (Sr. Pereira), para vingar o seu pai morto por questões com os Barros (saturninos), que eram ligados aos Carvalhos que por sua vez eram inimigos dos Pereiras.

Portanto, a formação de grupos de cangaceiros no Sertão nordestino tem motivações, entre outras, na defesa do bem mais precioso para o sertanejo, a família, de que poucas vezes

¹ Licenciado e Pós-Graduado em História pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada, FAFOPST.

se aparta, a não ser no caso onde o que está em jogo é o bem estar, a “moral”, a honra daqueles que carregam o seu sangue. É como diz o sertanejo: “Só o sangue vinga o sangue.”²

I – Do título

“Só o sangue vinga o sangue”, frase motivadora para a realização deste trabalho, faz uma referência ao comentário de Gutemberg Medeiros Costa em sua obra “Gota de sangue num mar de lama, (visão histórica e sociológica do cangaço)” escrito em 1992, que aborda, entre outras, as questões motivadoras do cangaço sob uma óptica histórico- sociológica. Essa frase merece o destaque por representar uma das duas bases formadoras da moral sertaneja e característica primeira do homem do sertão, a sua religiosidade e o forte apego a sua família, como enfatiza Frederico Pernambucano de Mello, “É conhecida a religiosidade medieval do sertanejo, capaz de facilmente resvalar em fanatismo. Também o são a sua rigidez em questões de família.” (MELLO, 2004: 46).

O nordeste brasileiro viveu no princípio deste século, sob a “batuta” de coronéis e fazendeiros que envolvidos nos esquemas eleitoreiros da nossa república provocaram a formação de um sertão sem lei, que acaba formando sua própria identidade ética e moral. O sertanejo desenvolveu um sentimento que o levou a se apoiar em algo realmente confiável, que por maiores que fossem as adversidades não se sentiriam abandonados ou traídos por essas bases em que se montavam. O sertanejo vislumbrava para si as duas possibilidades que o colocavam entre o Céu e a Terra, sem pressa e trabalhando dia após dia sustentava-se no céu em Deus, por isso a sua fé incondicional, e na terra assegurava-se na sua FAMÍLIA, determinado a defender com sua própria vida, não importando as condições que viriam como conseqüência dos seus atos em defesa do clã, a voz do sangue gritava em timbre de vingança, era a lei do sertão, como enfatiza Luís Wilson, “Vivendo ainda o sertão nessa época, como que o passado estágio da evolução humana de uma “sociedade de parentes”, em que essa forma de vingança era normal na repressão ao delito e na própria defesa da ordem social” (WILSON, 1974: 273).

A palavra sangue teve no sertão o seu sentido alterado, para justificar o apego daqueles homens à sua família, mais do que o seu sentido literal, sangue para o sertanejo tem a conotação de força de laços, ganhando uma “pitada” de sublimidade representada pelo gesto típico do sertanejo em bater nas veias do braço para se referir aos seus irmãos, primos, genitores etc. Qualquer ação que venha a ser provocada contra a honra ou a moral da família

² Frase utilizada por Gutemberg Medeiros Gosta na obra “Gota de sangue num mar de lama (Visão histórica e sociológica do cangaço)”

ganhava proporções incomensuráveis, pois a agressão não se deu a um indivíduo, mas a alguém que carrega em suas veias o mesmo sangue dos seus familiares, todos tinham a obrigação de honrar o nome da família e fazer valer a justiça do sertão, que não leva em conta a justiça constituída pelas leis preestabelecidas pela sociedade.

A agressão a um irmão ou pai, implica em obrigação de vingança (justiça com as próprias mãos), pois como se diz no Sertão, “É sangue do meu sangue”, por isso só o derramamento do sangue do rival vai vingar o sangue anteriormente derramado.

II – “Sinhô” Pereira, antecedentes do cangaço lampiônico

A história que se segue, conta os motivos pelo qual Sebastião Pereira da Silva (Sinhô Pereira), por vezes chamado de comandante de Lampião, iniciasse a sua vida no cangaço ainda que fosse representante de uma elite.

Em 1905, desentendem-se, em Belmonte, Antônio Clementino de Carvalho (Antônio Quelé), dono da fazenda São Joaquim, naquele município, e dois cabras de sua confiança, Vitorino e Juriti, com Cassiano e Cincinato Pereira, pelo fato de pretenderem estes dois últimos desarmarem aqueles homens de Quelé, o qual estava de viagem para Pesqueira e Vitória de Santo Antão, onde ia receber o dinheiro de umas boiadas que havia vendido, de passagem por Vila Bela Antônio Quelé se envolve numa confusão com os Pereiras como ilustra (WILSON, 1974: 274);

Em sua volta, Antônio de Carvalho conversava na feira de Vila Bela, com Izidoro Pereira Aguiar, que desempenhava as funções de delegado do município e lhe perguntou o que havia acontecido entre ele e seus parentes Cassiano e Cincinato, em Belmonte.

A conversa entre Antônio Quelé e o Delegado Izidoro Pereira acontecia sob alterações de vozes e palavras de maior ímpeto (normal entre os homens do sertão) e enquanto Antônio Quelé se explicava do acontecido entre ele e os parente do Delegado, em Belmonte, Antônio Baião que passava pela feira e ouvia a conversa (pensando tratar-se de uma discussão), tratou logo de fazer com que Manuel Pereira Maranhão (Seu Né do Baixio), que tinha sido delegado antes de Izidoro Pereira, seu parente e desafeto de Quelé, tomasse conhecimento do que estava acontecendo na feira.

Segundo Manuel Pereira (Né do baixio) foi chegando ao local dizendo:

- Não sou mais delegado, mas vou lhe desarmar assim mesmo! (WILSON, 1974: 277).

Na aproximação de Manuel Pereira a Antônio Quelé, Vitorino (homem de confiança de Quelé), agarra-se com Manuel Pereira para proteger Quelé, que por sua vez saca sua arma e atinge seu Né do baixio com um tiro pelas costas, tiro este mortal.

Em seguida, Antônio Quelé e seus escudeiros na tentativa de se refugiar na casa do seu aliado, monsenhor Afonso Pequeno, acaba atraindo aqueles que viriam a tentar a vingança pela morte de Seu Né do baixio. “Atira Cassiano Pereira em Quelé, indo a bala a atingir, na sala da casa da residência do padre, um retrato do Papa Leão XII” (*Ibidem*, 1974: 277).

Sinhô Pereira era irmão da vítima, está aí a explicação para o seu sentimento de vingança.

Anteriormente ao cangaço Lampiônico e ainda no princípio deste século, formara-se no sertão de Pernambuco um grupo de cangaceiros comandados por Sebastião Pereira da Silva, este era membro de uma das famílias mandatárias da economia e da política do Sertão do Pajeú, como ilustra Nertan Macedo, “Quando menino, conheci os sombrios campos e serrotes do Pajeú pernambucano, O sertão dos Pereiras.” (MACEDO, SD: 17). Do lado oposto à hegemonia da família Pereira, representantes de uma elite agrária do Sertão, estava os Carvalhos, ligados ao comércio e a vida urbana, mas sem deixar de lado a posse de terras, que protagonizaram uma das maiores rivalidades de clãs da história do nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX.

A rivalidade entre Carvalhos e Pereiras está intimamente ligada ao contexto cultural do homem sertanejo, isto é, o sentimento de vingança e de proteção da honra dos seus consangüíneos, tornando-se peça fundamental para a compreensão dos motivos que fizeram com que um dos maiores coronéis do sertão pernambucano abrisse mão da justiça estatuída pelas leis e buscasse fazê-la com as próprias mãos, entrando na vida do cangaço pelo simples sentimento de vingança pela perda de um familiar. Para o sertanejo não há nada mais sagrado na terra do que sua família e se “apartar” dela só em caso de sua presença representar uma ameaça aos seus, como afirma Frederico Pernambucano de Mello, “Louva-lhes a franqueza, a generosidade, a hospitalidade, o apego a família – de que poucas vezes se aparta.” (MELLO, 2004: 43). Este exemplo pode facilmente ser relacionado com a situação de Sinhô Pereira e sua saída de Serra Talhada. Sinhô Pereira foi embora para Goiás em 1922, deixando o seu bando de cangaceiros sob o comando de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) em meio aos conflitos entre Pereiras e Carvalhos, demonstrando que sua partida estava ligada a essas questões. Em visita aos parentes em Serra Talhada em 1971, concedeu essa entrevista a Luiz Lorena, na ocasião o entrevistador trata a matança do cangaço como uma tragédia. (ver trecho).

- Lorena – Por que se envolveu nessa tragédia?
- Sinhô – A impunidade em Vila Bela teve seu auge em minha juventude; do assassinato de seu Né – meu irmão – nem inquérito policial foi aberto. (LORENA, 2001: 259 - 260).

III – Virgulino Ferreira da Silva: a gênese de um rei

A estrutura social, política e econômica do nordeste brasileiro do princípio do século XX, exigia para aqueles homens sertanejos, uma aproximação com o poder local, era comum famílias poderosas se tornarem um centro de apoio econômico e político para outras com menos capacidade de articulação de poder, é o que podemos chamar de famílias satélites na órbita da família mandatária na região (Famílias pólos), criando uma dependência estrutural do coronelismo nordestino e um sistema de ajuda mútua. Essa realidade pode ser verificada na situação em que foi montado o cangaço Lampiônico, como analisa (COSTA, 1992: 44);

Ele (Lampião) lutou em uma região onde o poder dos que possuíam gado, terra, capangas e armas era ilimitado. Não é preciso ir longe para se ouvir ainda hoje, nesse sertão, os mais potentados dizerem em alta voz: “triste do poder que não pode”, ou “quem for fraco que saia da minha frente”. “só o sangue vinga o sangue”.

A necessidade de apoio mútuo entre famílias, com o objetivo de sobrevivência num sertão onde a vingança e a lei do mais forte prevaleciam, forçou a aproximação entre famílias e foi também motivação para o surgimento de grupos armados, colocando a família Ferreira (de Lampião) ao lado da poderosa família Pereira (de Sebastião Pereira da Silva), essa aproximação acontece por motivos de questões criadas entre Virgulino e Zé Saturnino, este da família Barros aliada dos Carvalhos. A rivalidade entre Ferreiras e Barros está relacionada, portanto, com a guerra entre Pereiras e Carvalhos cada um com seus aliados, Ferreiras e Barros respectivamente. Essa Conjuntura foi abordada na edição de Julho de 2010 da revista Aventuras na História. “A trajetória de lampião no cangaço se iniciou após uma questão entre sua família, Ferreira, com os vizinhos Barros, aliados dos Carvalhos”. (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2010: 49).

Muito se fala sobre a figura de Lampião como sendo um produto da sociedade da época, essa análise enfatiza a ideia da vingança como uma das principais motivações que colocaram vários no mundo do cangaço, levando em consideração que naquela sociedade a vingança era tratada como justiça e dever sagrado. Elise Grunspan-Jasmine demonstra através da análise de Gustavo Barroso que a justificativa de Virgulino Ferreira de transformar o seu ódio em vingança era por si só elemento constitutivo da moral e da cultura sertaneja na qual se inseria Lampião, veja no dizer de (BARROSO, *Apud* GRUNSPAN-JASMINE, 2006: 79);

A opção de vida de Virgulino e seus irmãos, portanto, obedeceu à necessidade de vingar a morte do pai, isto é, de lavar o sangue com sangue, de fazer justiça com as próprias mãos, uma vez que a justiça pública não o faz, de defender não somente a sua própria honra mas também a de seus ancestrais. Entrar para o cangaço, nesse sentido, seria submeter-se a certa concepção de heroísmo, a uma obrigação moral, mas também ao método de se fazer respeitar, porque, sempre segundo Gustavo Barroso, no sertão “quem não se vinga está moralmente morto.

Compreende-se, portanto, sob a óptica sertaneja, que Virgulino Ferreira da Silva tinha motivos louváveis para passar a viver no mundo do banditismo e da perseguição policial, pelo simples motivo da perda do seu pai em questões de família. Delorme Monteiro em sua obra *Vida e Morte de Lampião* demonstra a motivação de Virgulino em levar a vida no cangaço, “Ele matou nosso pai/ Não tem pra onde correr/ Agora é sangue por sangue/ E não quero esmorecer.” (MONTEIRO, 1981: 08). Após a morte do seu pai, Virgulino Ferreira da Silva ingressa no grupo de cangaceiros de Sebastião Pereira, grupo este que mais tarde viria ele próprio a comandar e se tornar o cangaceiro mais famoso da história do Brasil. Em 1926, quando passava por Juazeiro do Norte – CE, Lampião concedeu uma entrevista ao jornalista Otacílio Macedo, que abordou principalmente a causa pela qual Lampião levava a vida no cangaço, sem saber até quando duraria nessa verdadeira aventura sertaneja. Ver (GRUNSPAN-JASMINE, 2006: 79);

Chamo-me Virgulino Ferreira da Silva, e pertenço à humilde família dos Ferreira, do riacho de São Domingos, município de Vila Bela, meu pai sendo constantemente perseguido pela família Nogueira e por José Saturnino, nossos vizinhos, resolveu retirar-se para o município de Águas Brancas – Estado de Alagoas. Nem por isso cessou a perseguição. Em Águas Brancas foi meu pai barbaramente assassinado pelos Nogueiras e Saturninos, no ano de 1917. Não confiando na ação da justiça pública, resolvi fazer justiça por minha conta própria, isto é, vingar a morte de meu progenitor.

A cultura sertaneja é repleta de mitos e crenças que constituem o cotidiano do homem do sertão, uma delas é que durante o velório de uma vítima de assassinato, se uma gota lacrimal cair pelo rosto do corpo velado misturada a sangue, é o sinal de que o assassino está próximo da família, hoje se sabe que dependendo da forma da morte é normal o sangramento do fêretro por algumas partes do corpo. Outra crença da mesma forma interessante é a de que o sangue jorrado pelo peito da vítima representa o pedido da mesma que seja vingado o derramamento do seu sangue com a morte do seu assassino. Lampião sentiu a obrigação que se exigia do sertanejo, como ilustra (GRUNSPAN-JASMINE, 2006: 79);

Eu não vivo do cangaço por maldade minha. É pela maldade dos outros, dos homens que não tem coragem de lutar corpo a corpo como eu e vão matando a gente, na sombra, nas tocais covardes. Tenho que vingar a morte dos meus pais. Era menino quando os mataram. Bebi o sangue que jorrava do peito de minha mãe e beijando-lhe a boca fria, jurei vingá-la. É por isso que, de rifle as costas, cruzando as estradas do sertão, deixo um rastro sangrento, na procura dos assassinos de meus pais. É por isso que eu sou cangaceiro.

A vingança representa no contexto em questão, a manutenção da honra e da moral da família agredida, Virgulino, portanto, estava como um homem sertanejo, acobertado de razões que o fizeram dedicar-se à vida dentro do cangaço, submetendo-se a todas as adversidades que essa mudança lhe causaria, sendo assim, a análise da sua entrada no banditismo exige a percepção e apreensão dos elementos culturais do sertanejo no momento no qual se inseriam, onde juízos de valor representam um risco para a compreensão do cangaço como um fenômeno que se sustentou numa estrutura peculiar ao momento nordestino do Brasil no princípio do século XX.

V – O sentimento de vingança de onde menos se espera

Quando se ouve falar no “jeitão” do sertanejo muitas vezes confundido com brutalidade e rigidez, somos imediatamente conduzidos a uma figura masculina, determinada a demonstrar sua virilidade a qualquer custo, formando-se a tão famosa figura do “cabra macho” (homem valente), bastante caracterizado no sertão nordestino e reconhecido nacionalmente. Imagina-se em contraponto, uma figura feminina marcada pela submissão ao homem e um conseqüente sofrimento pela sua situação social, forçando uma estigmatização da mulher sertaneja como um ser oposto a figura masculina. Em se tratando da vingança como dever para o sertanejo, inclui-se também a mulher nessa marca cultural do sertão, diferentemente do que se pensa que *elas* seriam uma sustentação apaziguadora de conflitos, as mulheres representavam um verdadeiro incentivo a manutenção da honra e da moral de seus antepassados, como analisa Luís Wilson, “Naquela época, a vingança era um dever sagrado. As próprias mulheres atiçavam o ódio e a vindita. As vezes as próprias mães.” (WILSON, 1974: 92). Em sua obra “Vila Bela, os pereiras e outras histórias”, Luís Wilson narra o exemplo do cangaceiro “cajueiro”, que vem bem a ilustrar essa temática de justificativa para o ingresso no cangaço, na ocasião a postura tomada por sua mãe provocou a ação do rapaz.

No princípio do século, em Belmonte, um rapaz apanhou de um soldado (Cipriano), numa festa, em um pé de serra. Ao voltar a casa, na manhã seguinte, ao pedir a bênção à mãe (Antônia, neta de Manuel Pereira da Silva), esta lhe diz:

- Não, você não é meu filho, que eu não sou casada com Cipriano. (*Ibidem*, 1974: 92)

Dias depois, o rapaz mata o soldado e entra para o grupo de Sebastião Pereira. Agora quando volta a casa, sem dúvida, às carreiras, e pede a mãe a benção, esta o recebe alegre;

- Deus o abençoe, meu filho! (*Ibidem*, 1974: 92)

“O jovem que se faz referência é José Pereira Terto, que no bando do Sinhô Pereira era chamado de “Cajueiro”. (*Ibidem*, 1974: 92).

Outro exemplo da mesma forma marcante como justificativa para o cotidiano do cangaço é inerente às disputas já mencionadas neste texto entre Carvalhos e Pereiras no sertão do Pajeú, o ódio citado aqui é incentivado pela matriarca da família, que exigia a vingança pelo derramamento do sangue do marido e é narrado por Luís Wilson.

No ano de 1907, João Nogueira (Carvalho), é nomeado subdelegado do São Francisco, cargo ocupado até então por Né Dadu (Pereira), este último prefere não entregar as funções que cumpria a um membro da família inimiga, deixando os Carvalhos moralmente agredidos, a vingança destes viria com o assassinato de um dos líderes da família Pereira, Manuel Pereira da Silva jacobina (Padre Pereira). Esse fato é abordado por (WILSON, 1974: 280);

A família Carvalho atribuía todos aqueles incidentes a Manuel Pereira da Silva jacobina (Padre Pereira), veneranda figura de 72 anos e idade, pai de Luís Padre, tio de Sebastião Pereira e então chefe do clã, ao qual conheciam, respeitavam e acatavam em todo o sertão e que após o desentendimento entre Né dadu e seu cunhado João Nogueira, foi morto, numa emboscada, em uma de suas viagens de volta de Vila Bela para São Francisco, no lugar chamado poço da cerca, onde, na estrada, até alguns anos, havia uma cruz marcando o local da antiga tragédia.

Diante das disputas entre os clãs, aquela atitude dos Carvalhos não ficaria impune, segundo Nertan Macedo, a mãe de Luis Padre, Dona Chiquinha Pereira, ao receber o corpo do marido, chamou o filho e disse:

- A morte de seu pai não pode ficar impune. “Quero um Carvalho morto quanto antes” (MACEDO, SD: 25).

Luís Padre, a partir daquele momento procura “Sinhô” Pereira (seu parente) e ingressa no seu grupo de cangaço, pelo simples motivo de vingar o sangue do seu pai através do sangue de um Carvalho, da mesma forma, do lado oposto formou-se um grupo de cangaceiros para defesa da família Carvalho, como explica Luiz Conrado de Lorena e Sá, “Depois desse episódio, alguns jovens das famílias litigantes decidiram formar grupos armados para defesa das fazendas.” (SÁ, 2001: 192 - 193).

As duas famílias ainda travariam inúmeras batalhas durante o século XX, mas a cada sangue derramado, aumentava o número de homens presos àquela que era a obrigação sagrada no sertão, a vingança do seu sangue derramado pela morte de um dos seus.

Considerações Finais

Ante a necessidade de compreensão dos fatores que justificaram a existência do fenômeno cangaço, verifica-se que a própria estrutura social, política e econômica do sertão nordestino do princípio do século XX, era terreno fértil para o surgimento de grupos armados, que se dedicavam a proteção, entre outras, do bem mais precioso para o homem sertanejo, a família que se evidenciava como sustentação principal de uma realidade onde o poder era ambição comum e a lei do mais forte forçava o sertanejo a viver dia após dia num combate interminável pela sobrevivência e pela manutenção da honra e da moral da sua família, há de se notar, no sertanejo, que o sentimento de vingança passou a representar sentido principal para a manutenção desta moral e honra, sendo caracterizado como elemento constitutivo da alma (essência do ser) do sertanejo, onde aquele que não se vingava estava moralmente morto, perdendo a essência de sustentação da família numa realidade de lutas incessantes.

A vivência no cangaço foi, portanto possibilitada por inúmeros fatores, sendo o sentimento de vingança um dos principais motivadores do banditismo, vários foram os exemplos de jovens que largaram a rotina no campo ou na pequena atividade comercial, para fazer valer a voz do sangue, que “gritava” exigindo a vingança pela perda de um consanguíneo seu. Virgulino Ferreira da Silva, envolvido nesta realidade não poderia ser exceção a regra sertaneja, Lampião torna-se a figura mais conhecida do movimento cangaço, montado no ódio e no desejo de vingar a morte dos seus pais, numa das várias intrigas de famílias, peculiares do sertão nordestino da época, representando o exemplo mais famoso de um ser preso as regras de uma sociedade baseada no espírito clânico, isto é, preso ao sentimento de ódio e vingança, que seriam dali em diante, elementos marcantes da sua vida.

O cangaço recebeu em seu seio, homens decididos a partir de então, a derramar sangue por onde passava, sustentando a sede quase insaciável de justiça feita pelas próprias mãos e mantendo fortes os laços de consanguinidade, para que o nome de sua família se mantivesse imaculado, sendo para o sertanejo, a lógica do “sangue do meu sangue” por si só, o caminho pelo qual a vingança passaria, e deixaria para a posteridade as permanências da honra e a da moral da instituição familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Gutemberg Medeiros – **Gota de sangue num mar de lama, (visão histórica e sociológica do cangaço)** - gráfica Santa Maria, Natal / RN, 1992.

GRUNSPAN-JASMINE, Elise – **Lampião, Senhor do Sertão: vidas e mortes de um cangaceiro** - Tradução Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antônio de Pádua Danesim – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

MACEDO, Nertan – **Sinhô Pereira: O Comandante de Lampião** – Editora Renes, Rio de Janeiro/ SD.

MELLO, Frederico Pernambucano de – **Guerreiros do sol, violência e banditismo no Nordeste do Brasil** – A girafa editora, São Paulo – SP, 2004.

MONTEIRO, Delarme, **Vida e Morte de Lampião**, João Pessoa, MEC/PRONASEC RURAL – UFPB, 1981, p. 08.

SÁ, Luiz Conrado de Lorena e – **Serra Talhada 250 anos de história 150 anos de emancipação política**, Sertagráfica, Serra Talhada / PE, 2001.

WILSON, Luís – **Vila Bela, os Pereiras e outras histórias**, Ed. Universitária, Recife / PE, 1974.

Revista assinada - **Aventuras na História** – Editora Abril - Edição: Julho, 2010.